



XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT-12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E PERSPECTIVA FEMINISTA NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: ANÁLISE DE LIVROS PUBLICADOS NO BRASIL

DECONSTRUCTING GENDER STEREOTYPES AND FEMINIST PERSPECTIVE IN CHILDREN'S LITERATURE: ANALYSIS OF BOOKS PUBLISHED IN BRAZIL TITLE IN ENGLISH

Patrícia S. P. Mallmann. UFRJ.

Gilda Olinto. IBICT. UFRJ.

Thaís Lamas. Biblioteca Municipal Cial Brito.

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Aborda feminismo e literatura infanto-juvenil. Possui como objetivo mapear a literatura infanto-juvenil publicada no Brasil com temáticas que expressem perspectivas feministas e contribuam para a desconstrução de estereótipos de gênero. Discute estereótipos de gênero e movimentos feministas. Consiste em uma pesquisa documental, com abordagem qualitativa e quantitativa. Analisa, de forma descritiva, um corpus de 197 livros, considerando características gerais e categorias temáticas, que são: desconstrução de estereótipos de gênero, feminismo, ciência e tecnologia, profissão, mulheres ativistas, sororidade, sexualidade e violência; e como categorias complementares: biografia e releitura de contos de fada. Os resultados indicam um aumento na publicação de obras dessa natureza nos últimos anos. A indicação etária a partir de 7 anos é a que mais possui oferta desses livros. Grande parte dos livros se enquadra nas categorias “biografia” e “desconstrução de estereótipos de gênero”. Os resultados sugerem também que ainda há pouca oferta de literatura infanto-juvenil com esse viés, apesar de estar em crescimento. Essa literatura é percebida como necessária para contribuir para a mudança do cenário social ainda bastante permeado pelo machismo e pelo patriarcalismo.

Palavras-Chave: Feminismo. Estereótipos de Gênero. Literatura Infanto-Juvenil. Mulher. Menina.

Abstract: It addresses feminism and children's literature. Its objective is to map the children's literature published in Brazil which deal with themes that express feminist perspectives and contribute to the deconstruction of gender stereotypes. It discusses gender stereotypes and feminist movements. It consists of documentary research, with qualitative and quantitative approaches. It analyzes, in a descriptive way, a corpus of 197 books, considering general characteristics and specific thematic categories, namely: deconstruction of gender stereotypes, feminism, science and technology, profession, women activists, sorority, sexuality and violence; and as complementary categories: “biography and “fairy tales retelling”. The results indicate an increase in the publication of works focusing these themes on recent years. “From 7 years old on” is the age range with the most offer of these books, and the “biography” and “deconstruction of gender stereotypes” are the most frequent categories. Results also suggest that there is still a low supply of children's literature with these



feminist themes, despite its growth. This literature is perceived as necessary to contribute to changes in the present social scenario still permeated by sexist and patriarchal perspectives.

Keywords: Feminism. Gender Stereotypes. Children's Literature. Women. Girl.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo trata da literatura infanto-juvenil publicada no Brasil que aborda perspectivas feministas. Quando falamos em perspectivas feministas, estamos entendendo o feminismo como um movimento plural com foco em combater a desigualdade de gênero e lutar pela autonomia e representatividade das mulheres em todos os setores da vida em sociedade, seja cultural, político, econômico, doméstico, profissional, sexual, entre outros. Assim, o feminismo, de forma simples, diz respeito à busca pela igualdade de direitos entre mulheres e homens. Apenas o fato de nascer homem ou mulher gera uma grande influência no exercício da autonomia; é uma relação direta com a socialização e a educação de meninos e meninas, desde a infância. Miguel e Biroli (2014) acrescentam que a construção social de uma sociedade patriarcal, que influencia no exercício da autonomia, gera uma divisão sexual desigual do trabalho. A dedicação ao trabalho, ao tempo livre e às experiências vividas é diferente para homens e mulheres.

Não há dúvidas de que o debate feminista e de desconstrução de estereótipos de gênero tem avançado na sociedade. No entanto, apesar de avanços conseguidos pela luta dos movimentos feministas, a sociedade ainda é bastante marcada pelo machismo e pelo patriarcalismo. No Brasil, isso ocorre tanto em relação à ocupação de cargos de poder e prestígio como também em relação às questões mais básicas, como a opressão e à violência a que as mulheres são submetidas, especialmente as mais vulneráveis socioeconomicamente, as negras e indígenas e as LGBTQIAP+.

Acreditamos que para a sociedade avançar nas questões de humanidade e direitos igualitários para todas as pessoas, é necessário que as novas gerações sejam formadas sobre esses valores. Dessa forma, nos questionamos sobre que informações têm chegado para as crianças e adolescentes em relação ao feminismo, que advoga pela igualdade de direitos e oportunidades entre os gêneros, assim como pela liberdade de escolha. Será que ainda recebem massivamente literatura que represente, como tradicionalmente, homens fortes e poderosos e mulheres frágeis que necessitam de um príncipe encantado para salvá-las?

Esta pesquisa é um desdobramento do projeto de pesquisa “Diferenças de gênero na opção por ciência e tecnologia: permanências e mudanças na escola básica”. O objetivo é



mapear a literatura infanto-juvenil publicada no Brasil com temáticas que expressem perspectivas feministas e contribuam para a desconstrução de estereótipos de gênero. Inicialmente, foi feita uma busca de literatura infanto-juvenil com foco na representação das mulheres nas áreas de ciência e tecnologia (C&T), tema central do projeto em questão. Contudo, nos deparamos com um conjunto de obras de literatura infanto-juvenil com perspectivas feministas, o que deu início a esta pesquisa. Partimos de algumas questões: O que há de literatura voltada para crianças e adolescentes que aborde perspectivas feministas, envolvendo o empoderamento e a representatividade de mulheres, tanto na C&T como nas demais esferas da vida? Quais são as temáticas específicas abordadas? Como esses temas são tratados? Para este artigo, trazemos as primeiras análises de um corpus de 197 livros.

Buscamos literatura voltada a crianças e adolescentes que trate de mulheres como protagonistas em diferentes setores sociais, desde obras que falem de movimentos feministas (de luta pelos direitos das mulheres) até obras que representem mulheres como expoentes em diferentes profissões e áreas do conhecimento, passando por mulheres ativistas em diversas causas (diretamente feministas ou não), desconstrução de estereótipos de gênero, assim como livros que denunciem e esclareçam sobre violência contra mulheres e assédio sexual. Isto é, o corpus de análise envolveu obras focadas no empoderamento feminino.

2 ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO: TEORIA E ALGUMAS EVIDÊNCIAS

Para procurar entender a prevalência de estereótipos de gênero, que, infelizmente, ainda se destacam na sociedade, notadamente no Brasil, podemos levar em consideração diferentes abordagens teóricas. Consideramos aqui dois grandes grupos: a) a teoria do capital cultural de Bourdieu; b) abordagens que focalizam especificamente a formação dos estereótipos de gênero entre crianças e jovens. Tais abordagens foram consideradas em estudos empíricos do projeto anteriormente mencionado.

A teoria do capital cultural pode ser considerada um guarda-chuva teórico para explicações sobre diferenças de classe e gênero na sociedade. Em linguagem mais atual, a teoria do capital cultural considera que as pessoas estão inseridas em “bolhas” culturais ou informacionais a partir de sua posição na sociedade. As pessoas pertencem a uma classe social e a um gênero que determinam as características dessas “bolhas” culturais/ informacionais. Para Bourdieu (1979), capital cultural é sinônimo de capital informacional.



O capital cultural de gênero é inculcado nas pessoas e influencia seus gostos, valores, atitudes e escolhas. São as “disposições” e os “hábitos”, na terminologia de Bourdieu (1979), que promovem, entre outras características, a internalização de papéis de gênero, as escolhas profissionais e, também, a configuração de profissões femininas (BOURDIEU, 1979; MCCALL, 1992; OLINTO, 1995). Em síntese: os diferentes gêneros estão inseridos em ambientes culturais e psicossociais diferenciados com efeitos abrangentes em suas vidas.

O segundo bloco de teorias, aqueles que focalizam especificamente a formação de estereótipos de gênero, destacam que esses se desenvolvem, sobretudo, no âmbito da família e da escola. Pais e professores tendem a expressar seus estereótipos a respeito da maior afinidade e capacidade dos diferentes gêneros para algumas áreas (GUNDERSON *et al.*, 2012). O estereótipo de gênero se manifesta e é transmitido pela família e pela escola – de pai/ mãe para filhos/ filhas; de professores/ professoras para alunos/ alunas, sendo que há a transmissão implícita, mais sutil, e a forma explícita (ENDENDIJK *et al.*, 2013; TEIXEIRA, 2021). O estereótipo implícito, destacando a sutileza com que é transmitido e formado, estabelece que as meninas têm mais habilidades para algumas áreas, influenciando a ansiedade e o desempenho das meninas nessas disciplinas; as meninas que internalizam esse estereótipo implícito teriam, por exemplo, pior desempenho em matemática (NOSEK *et al.*, 2009).

As teorias e os estudos prévios sobre estereótipos e autoimagem sugerem que jovens incorporam estereótipos a respeito dos papéis de gênero, especificamente aqueles que impactam suas perspectivas ocupacionais. Sugerem ainda que a autoavaliação e a autoestima das mulheres para as áreas exatas, especialmente a matemática, são mais baixas que as dos homens. Além disso, os estudos mostram que as mulheres tendem a se afastar da tecnologia de informação, área que poucas optam como carreira profissional, embora esta tecnologia possa estar sendo também utilizada para o empoderamento das mulheres. Os trabalhos aqui relatados mostram a relevância de estudos sobre estereótipos de gênero, assim como o aprofundamento do tema feminismo para embasamento desses estudos e para o desenvolvimento de diversos tipos de ação social voltada para o empoderamento das mulheres, especialmente entre crianças e jovens.

3 MOVIMENTO FEMINISTA

As mulheres, ao longo da história, não eram consideradas como indivíduos de direitos e, em inúmeras vezes, foram descartadas de suas próprias histórias. Porém, as mulheres



sempre lutaram por sua liberdade e se rebelaram contra opressões. Entretanto, o movimento feminista só teve início em meados do século XIX, com a chamada primeira onda (PINTO, 2003, 2010), aflorando também nesta época no Brasil. Segundo Bandeira e Melo (2010, p. 11), “estas revoltas e lutas pela igualdade contaminaram as mulheres dos Estados Unidos e da Europa e este rastro de rebeldia espalhou-se mundialmente. Também no Brasil essa inquietação se acendeu na segunda metade do século XIX”, unindo mulheres na luta por direitos, contra a inferiorização, por tratamentos igualitários, por respeito, pelo direito ao voto e a serem votadas. Bandeira e Melo (2010, p. 7) ressaltam: “O movimento feminista nasceu das lutas coletivas das mulheres contra o sexismo, contra as condições de aversão e inferiorização do feminino, transformadas em práticas rotineiras de subordinação das mulheres”. O movimento feminista já alcançou diversas lutas em seu caminho até os dias de hoje, e continua suas ações para derrotar o machismo, o sexismo e o patriarcalismo, que ainda existem nesta sociedade.

Entre as reivindicações das mulheres que lutavam pela garantia dos seus direitos, podemos destacar: poder trabalhar fora de casa, receber salários por sua mão-de-obra e ter seu trabalho valorizado, independentemente do seu gênero. Segundo Hirata e Kergoat (2007, p. 597), destacam-se as questões do trabalho não remunerado, mal remunerado e invisível: “[...] torna-se então coletivamente ‘evidente’ que uma enorme massa de trabalho é efetuada gratuitamente pelas mulheres, que esse trabalho é invisível, que é realizado não para elas mesmas, mas para outros, e sempre em nome da natureza, do amor e do dever materno”. Essas reivindicações não eram apenas para que as mulheres pudessem trabalhar e serem assalariadas, mas sobretudo pelo seu direito enquanto cidadãs e membros de uma sociedade.

Os estudos feministas utilizam o termo “ondas do movimento feminista” para ocupar-se do fato de que, durante séculos, o movimento vem alterando suas pautas e formas de luta. A primeira onda teve início em meados do século XIX, surgindo a partir das reivindicações por direitos das sufragistas, especialmente o direito ao voto e à vida pública. Nessa mesma época, principalmente no Brasil, um movimento de mulheres adquiriu um caráter anarquista, sendo liderado por operárias que queriam expor a situação precária das mulheres nas fábricas. Este movimento de cunho anarquista não durou muito, perdendo força em 1930 (PINTO, 2010).

A segunda onda teve início nos anos 1960, pelo mundo, e em 1970 no Brasil, em um momento difícil para a democracia. A pauta de luta foi aumentando: lutava-se pela valorização das mulheres no trabalho, contra a violência sexual e o direito ao prazer feminino, além da



luta contra a ditadura militar. Foi nesse contexto que se passou a enxergar mais claramente que havia mais de um sujeito “mulher”, isto é, mulheres diversas viviam realidades diversas (MATSUDA; MORAIS, 2016). A partir desse cenário se manifesta o feminismo radical.

A terceira onda se iniciou a partir de debates e discussões que são postos nas outras ondas, tendo início em meados de 1990. Nesse cenário, o movimento feminista negro ganha força em suas lutas, com Angela Davis, Beverly Fisher, entre outras; também surge o feminismo *queer* e o feminismo interseccional, com o grande impacto das obras da Judith Butler (2010), com a qual alavancou-se o discurso de que não existe apenas um sujeito mulher universal, e sim mulheres com especificidades diferentes, ressaltando que um discurso universal era excludente.

Dadas a multiplicidade e diversidade do movimento de mulheres, podemos mencionar as vertentes mais conhecidas do feminismo contemporâneo, que tem sido influenciado pelas diversas ondas anteriormente mencionadas, notadamente a terceira onda, embora algumas abordagens prendem-se também às ondas iniciais do feminismo: a) feminismo liberal; b) feminismo radical; c) feminismo negro; d) feminismo interseccional; e) feminismo marxista.

Dessa forma, por haver essas vertentes e muitas outras que não foram aqui descritas, entendemos o movimento feminista como “os movimentos feministas”, no plural, pois o feminismo não é único, ele é composto por diversas perspectivas que concordam e discordam entre si, mas que juntas compõem a luta contra a desigualdade de gênero e pela autonomia das mulheres na sociedade.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa documental, que analisa, com abordagem qualitativa e quantitativa, a literatura infanto-juvenil com perspectivas feministas publicada no Brasil. Consideramos que, assim como a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental envolve três grandes fases: busca, seleção e análise. Se caracteriza por valer-se de materiais que não receberam um tratamento analítico (GIL, 2011, p. 51), ou seja, fontes primárias de informação, como é o caso dos livros de literatura. Para a busca foi necessário definir a estratégia, isto é, quais os termos a serem utilizados e os locais a serem buscados; a seleção envolveu a definição de critérios de inclusão no corpus de análise; e a análise envolveu pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados (BARDIN, 1979).



Para o início das buscas foram definidas três grandes categorias teóricas, que são explicadas na seção de resultados: a) estereótipo de gênero – desconstrução; b) feminismo interseccional; c) ciência e tecnologia – representatividade de mulheres. Posteriormente, chegamos às seguintes categorias empiricamente construídas, com base na pré-análise do material (neste primeiro momento, foram analisados tematicamente os títulos e os resumos, preferencialmente, disponibilizados pelas editoras): a) desconstrução de estereótipos de gênero; b) feminismo (feminismo étnico-racial, feminismo e classe social, feminismo LGBTQIAP+); c) ciência e tecnologia – protagonismo de mulheres; d) profissão – protagonismo de mulheres; e) mulheres ativistas; f) sororidade; g) sexualidade; h) violência (de gênero e sexual). Complementarmente a essas, apareceram outras duas, que se relacionam com outras: a) biografia; b) releitura de contos de fada.

A coleta de dados foi finalizada em meados de março de 2022 e foi iniciada a partir de buscas gerais no mecanismo Google com os termos “feminismo” e suas variantes, além de “mulher e ciência” associados a “literatura infanto-juvenil”. A princípio, foram encontrados diversos blogs e listas com indicações de literatura feminista. Após o registro desses primeiros resultados em planilha no Excel, as buscas foram sendo expandidas com a utilização de outros termos, como: “heroína(s)”, “mulher(es)”, “estereótipos de gênero”, dentre outros; além disso, a busca foi aprofundada nas editoras que constavam nas primeiras buscas, para identificação de mais títulos. Também foi utilizado o *website* da livraria Amazon, por este anunciar o conteúdo de um grande número de editoras e gêneros literários.

Na última fase de busca, foi realizada concomitantemente a fase de complementação das informações registradas na planilha. Foram utilizados também o Scribd e o Goodreads (rede social de leitores em âmbito internacional). Em alguns casos também foi possível ter acesso a uma amostra da obra, pela Amazon, pelo Scribd ou pela própria editora, o que auxiliou na busca das informações e definição de temáticas e faixa etária.

O corpus, com o conjunto de obras que satisfizeram as categorias de análise foi composto por 197 livros, sendo que as buscas foram encerradas quando novos títulos com essas características não mais apareceram. As principais dificuldades em fechar o corpus, assim como em realizar a análise temática, foram: a ausência de bases de dados sistematizadas com livros de literatura, em especial, infanto-juvenil; e a falta de padronização em relação a resumos e temáticas disponibilizados por editoras e livrarias.



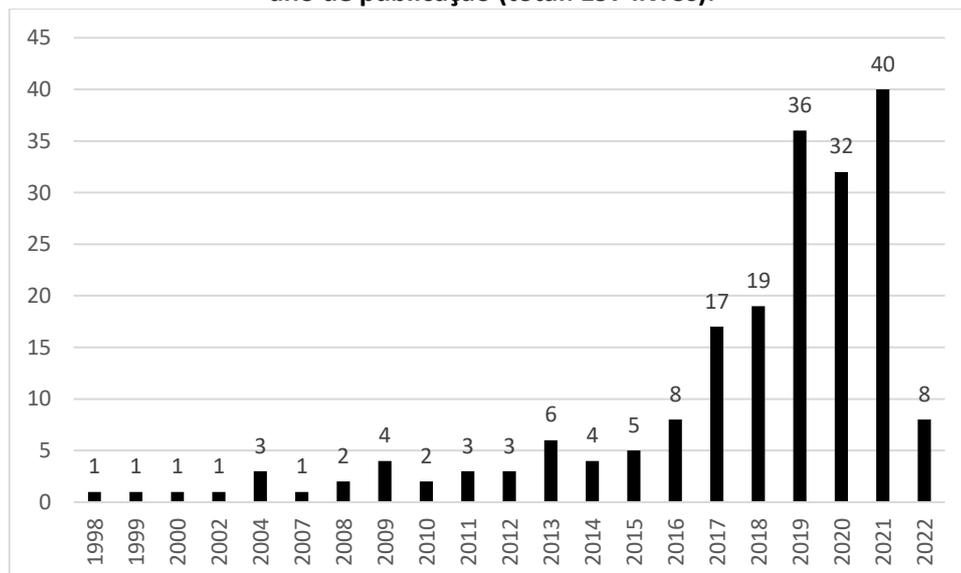
Para este artigo, apresentamos análises descritivas do corpus, considerando algumas características gerais das publicações (se é ou não tradução, ano de publicação e indicação etária) e como as obras foram categorizadas dentro das principais temáticas definidas. Na seção de resultados, é explicitado como essas temáticas foram definidas, além da justificativa teórica para a definição das faixas etárias utilizadas.

5 RESULTADOS

Foram selecionados 197 livros infanto-juvenis, que consideramos disseminar informação com perspectivas feministas para crianças e adolescentes no Brasil. Desse total, 88 são brasileiros e originalmente escritos em língua portuguesa, e 109 são traduções de obras de outros países e em outros idiomas.

Podemos perceber, pelo Gráfico 1, que está havendo um aumento desse tipo de publicação no Brasil nos últimos anos, especialmente a partir de 2017 e de 2019, acompanhando o aumento das discussões sobre feminismo e atuação de movimentos feministas no país. No caso de traduções, consideramos a data da versão brasileira; em todos os casos, consideramos a data da primeira edição brasileira.

Gráfico 1 - Livros infanto-juvenis com perspectivas feministas publicados no Brasil distribuídos por ano de publicação (total: 197 livros).



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados da pesquisa.

Em relação ao público foco, buscamos classificar os livros a partir de faixas etárias. Fazemos a ressalva de que cada criança possui seu próprio nível de desenvolvimento e que é

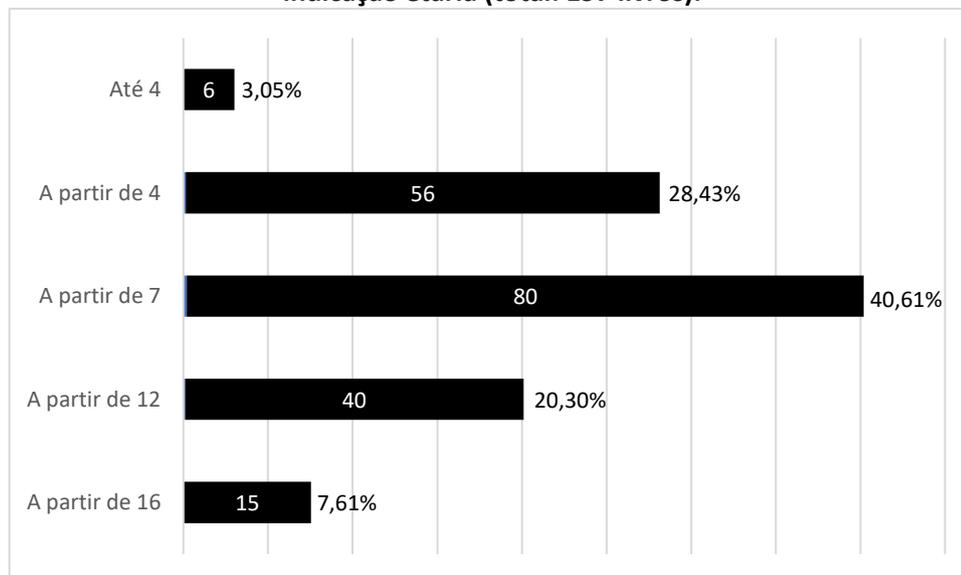


a partir das características individuais que crianças e seus responsáveis devem escolher os livros mais adequados. Contudo, essa classificação é uma indicação geral, a fim de entendermos o público que, majoritariamente, cada livro pode alcançar.

Nos baseamos, principalmente, na indicação etária atribuída pelas editoras e pela Amazon, quando havia. No intuito de utilizar uma classificação padronizada e justificável, nos apoiamos também nas fases do desenvolvimento infantil de Piaget (SCHIRMANN *et al.*, 2019). Dessa forma, chegamos à seguinte classificação em cinco níveis: a) até 4 anos: livros para bebês e crianças em início da linguagem oral; b) a partir de 4 anos: livros para crianças em pré-alfabetização e início de alfabetização; c) a partir de 7 anos: livros que as crianças já podem ler sozinhas; d) a partir de 12 anos: livros para adolescentes e crianças em início da adolescência; e) a partir de 16 anos: livros para adolescentes e jovens adultos; foi incorporado aqui quadrinhos, que não necessariamente tem como foco editorial adolescentes.

O Gráfico 2 apresenta o percentual de livros para cada faixa de idade. Percebemos que a maior parte dos livros que compõem o corpus de análise se concentra na indicação etária a partir de 7 anos, seguido da indicação a partir de 4.

Gráfico 2 - Livros infanto-juvenis com perspectivas feministas publicados no Brasil distribuídos por indicação etária (total: 197 livros).



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados da pesquisa.

As categorias temáticas foram definidas com base no material empírico. Na categoria temática “desconstrução de estereótipos de gênero” foram reunidos livros que abordam os papéis atribuídos, principalmente, a meninas, mas também a meninos, na sociedade.



Apresentam personagens mulheres e homens afirmando que podem fazer o que quiserem, sem precisar se restringir a “coisas de menina” ou “coisas de menino”. Essa categoria também envolveu obras com protagonistas meninas que decidem não seguir os padrões impostos pela sociedade como o ideal a ser alcançado por uma mulher, como se casar e ter filhos, além de ser linda, perfeita, delicada, entre outras características; também há diversos livros que desconstruem os estereótipos ideias de princesas, mostrando que elas são humanas, tem defeitos e podem querer coisas diferentes do que se casarem com o príncipe encantado e serem “felizes para sempre”. Em menor quantidade, também há os livros que apresentam personagens meninos quebrando a ideia de que precisam ser fortes, másculos e não podem demonstrar sentimentos. Além disso, também foi acoplado nessa categoria os livros que falam sobre diversidade em geral, comumente com protagonistas meninas ou meninos que não se identificam com seu sexo de nascimento ou que estão descobrindo sua sexualidade, interessando-se por pessoas do mesmo sexo.

Em “feminismo”, apesar de ser o tema geral da pesquisa, procuramos aglutinar as obras que, mais especificamente, abordam movimentos feministas, tanto sua história como biografias de expoentes feministas e debates ou movimentos iniciados pelas protagonistas. Trouxemos três subdivisões desta categoria, considerando o feminismo interseccional: feminismo étnico-racial, feminismo e classe social e feminismo LGBTQIAP+. Em “feminismo étnico-racial” inserimos tanto os livros que apresentam mulheres do movimento feminista negro como os livros que apresentam protagonistas negras, indígenas e de outras etnias, de forma a enaltecer os valores de diferentes culturas com foco no empoderamento de mulheres. Pela subcategoria “feminismo e classe social” classificamos os livros nos quais as protagonistas eram mulheres socioeconomicamente vulneráveis lutando para vencer as discriminações sofridas por serem mulheres e pobres. Por fim, na subcategoria “feminismo LGBTQIAP+” agrupamos os livros que apresentavam protagonistas reivindicando sua liberdade de gênero e de orientação sexual, assim como biografias de mulheres LGBTQIAP+.

Sob o rótulo “ciência e tecnologia” aglutinamos as obras que apresentam mulheres em posição de destaque em áreas científicas e tecnológicas, envolvendo, majoritariamente, biografias de mulheres que foram marcantes em diferentes áreas do conhecimento, mas também protagonistas inventoras e astronautas. Também foi criada uma categoria para



incorporar livros sobre mulheres que se destacam em diferentes profissões, envolvendo tanto histórias biográficas como ficcionais; percebeu-se um destaque para as áreas de Artes.

A categoria “mulheres ativistas” foi criada para incorporar os livros em que mulheres protagonizaram movimentos sociais que não necessariamente são feministas, ou que não são somente feministas. Envolveu obras com mulheres como líderes revolucionárias, antirracistas, ambientalistas e trabalhadoras humanitárias. Em sua maioria, essas obras são biográficas.

Outra categoria que surgiu empiricamente foi “sororidade”, pois aparece este termo explicitamente em alguns resumos de livros, se constituindo em um valor a ser cultivado. A categoria temática “sexualidade” também foi criada para incorporar livros que traziam esse assunto; no entanto, só foi incorporado no corpus de análise as obras que abordam sexualidade sob uma perspectiva de empoderamento da mulher enquanto ser sexual.

O tema “violência” também apareceu e pode ser subdividido em duas subclasses: violência de gênero e violência sexual. Em relação à violência de gênero, foram considerados livros que apresentam situações de violência contra mulheres que, geralmente, se rebelam e lutam contra isso. Essas situações aparecem tanto em biografias como em ficção. Sobre violência sexual, alguns livros abordam o assunto do assédio de forma a esclarecer sobre esse tipo de violência, e suas protagonistas aprendem a denunciar e a se defender.

As categorias complementares “biografia” e “releitura de contos de fada” estão sempre associadas a outras. Percebeu-se que muitos livros que entendemos como disseminando informações com perspectivas feministas são biográficos; muitos apresentam biografias de um conjunto de mulheres marcantes em diferentes atuações: científica, profissional, ativista e/ou feminista; e muitos outros são biografias individuais de mulheres, também nessas atuações. Já a categoria complementar que denominamos “releitura de contos de fada” está basicamente associada à categoria “desconstrução de estereótipos de gênero”, englobando livros que mostram princesas que não precisam de um príncipe encantado para salvá-las nem para serem felizes, sempre na perspectiva de atualizar os contos de fadas colocando as mulheres como protagonistas de suas próprias vidas.

No Gráfico 3 são apresentadas as principais temáticas que encontramos nos livros analisados. A cada livro foi atribuída quantas temáticas ele apresentasse.



Gráfico 3 - Livros infanto-juvenis com perspectivas feministas publicados no Brasil distribuídos por categorias temáticas (total: 197 livros).



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados da pesquisa.¹

Como podemos perceber, quase metade dos livros se enquadra na categoria biografia, o que demonstra uma tentativa de resgatar nomes de mulheres marcantes em diferentes esferas da sociedade, que não são mencionadas nos livros de história e de literatura tradicionais, ficando à sombra dos homens, que são retratados como protagonistas da história. Praticamente um terço desses livros (29 de um total de 84) são biografias coletivas, apresentando entre 20 e mais de 100 nomes de mulheres marcantes para a sociedade.

Uma temática também bastante presente é a desconstrução de estereótipos de gênero, o que novamente parece representar uma tentativa de corrigir a forma como, na maior parte das vezes, as mulheres foram e são retratadas, ou seja, a partir de uma concepção de coadjuvantes da vida em sociedade e das suas próprias vidas. Com reforços machistas recorrentes, é importante que haja livros para mostrar que não precisa ser assim. Dos 63 livros com a temática de desconstrução de estereótipos de gênero, 38 apresentam estereótipos femininos desconstruídos, 16 apresentam femininos e masculinos, e 12, masculinos.

Feminismo, enquanto movimento, também aparece com uma incidência relativamente alta, o que parece um avanço. As categorias profissão e C&T também têm uma incidência relativamente alta.

¹ Cada livro foi classificado em tantas categorias quantas se ajustasse.



A fim de identificar se há relação entre indicação etária e temáticas abordadas nos livros, apresentamos a Tabela 1.

Tabela 1 - Categorias temáticas que foram atribuídas aos livros infanto-juvenis com perspectivas feministas publicados no Brasil X indicação etária.

Categorias temáticas	A partir de 16		A partir de 12		A partir de 7		A partir de 4		Até 4	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Biografia	10	66,7%	20	50,0%	35	43,8%	19	33,9%	0	0,0%
Ciência e tecnologia	3	20,0%	6	15,0%	18	22,5%	8	14,3%	1	16,7%
Desconstrução de estereótipos de gênero	1	6,7%	9	22,5%	30	37,5%	23	41,1%	3	50,0%
Feminismo	7	46,7%	19	47,5%	16	20,0%	3	5,4%	1	16,7%
Feminismo e classe social	0	0,0%	2	5,0%	4	5,0%	0	0,0%	0	0,0%
Feminismo étnico-racial	4	26,7%	10	25,0%	16	20,0%	6	10,7%	0	0,0%
Feminismo LGBTQIA+		0,0%	8	20,0%	1	1,3%	3	5,4%	1	16,7%
Ativismo feminino	2	13,3%	11	27,5%	14	17,5%	8	14,3%	0	0,0%
Profissão	6	40,0%	10	25,0%	19	23,8%	18	32,1%	0	0,0%
Releitura de contos de fadas	0	0,0%	5	12,5%	14	17,5%	6	10,7%	0	0,0%
Sexualidade	2	13,3%	2	5,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
Sororidade	0	0,0%	4	10,0%	1	1,3%	0	0,0%	0	0,0%
Violência	5	33,3%	10	25,0%	5	6,3%	3	5,4%	0	0,0%

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados da pesquisa.

Como é possível notar, obras biográficas se destacam em todas as indicações etárias, exceto na faixa de até 4 anos. A temática desconstrução de estereótipos de gênero se destaca mais nos livros indicados a crianças, até 12 anos, tendo mais incidência nas idades menores. Feminismo, enquanto movimentos sociais, se evidencia nas obras a partir de 12 anos e a partir de 16. Uma questão que também se destaca é que obras com a temática violência aparecem em maior proporção na indicação etária acima de 16 anos e vai diminuindo conforme a indicação etária diminui.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há um aumento de livros com perspectivas feministas sendo publicados no Brasil nos últimos anos. Acreditamos e esperamos que esse aumento se mantenha nos próximos anos, pois nos parece que ainda há uma baixa oferta de literatura infanto-juvenil com esse viés, especialmente para crianças na primeira infância e para adolescentes a partir de 16 anos. Nos parece difícil mudar o cenário social, ainda bastante permeado pelo machismo e pelo



patriarcalismo, enquanto crianças e adolescentes não passarem a receber informações com perspectivas feministas, sendo quanto mais cedo melhor; e o contato com a literatura é uma forma dessa informação ser apropriada.

As categorias temáticas nas quais mais obras se classificam são “biografia” e “desconstrução de estereótipos de gênero”. As biografias buscam apresentar mulheres que foram marcantes para a sociedade, em diferentes esferas e em diferentes tempos históricos, e que até o momento eram pouco conhecidas ou totalmente desconhecidas, assim como disseminar mais informações sobre as poucas já conhecidas. As obras com foco na desconstrução de estereótipos de gênero buscam desconstruir, de forma explícita ou implícita, um discurso marcadamente focado na supremacia dos homens em relação às mulheres e dos papéis de gênero, indo na contramão dos estímulos que são recebidos recorrentemente por crianças e jovens.

Considerando essas duas categorias temáticas, podemos considerar que a literatura infanto-juvenil com perspectivas feministas no Brasil ainda está em fase de construção, podendo vir a se firmar nos próximos anos, se continuar avançando. Isso porque parece haver, por parte de escritoras(es) e editoras(es) interessadas em propagar perspectivas feministas através da literatura infanto-juvenil, uma tentativa primeira de correção de erros e injustiças, seja trazendo à luz mulheres que ficaram inviabilizadas ao longo da história seja dizendo às crianças que elas não precisam desempenhar determinados papéis por terem nascido meninas ou meninos. Contudo, já é possível ver obras que colocam as mulheres em posições de poder sem precisar explicar que elas podem estar ali, mesmo entre as classificadas como desconstrução de estereótipos de gênero. Foi possível notar, também, que as temáticas vão se complexificando conforme vai avançando a indicação etária, e passam a aparecer temas como feminismo, de forma mais explícita, violência e ativismo feminino.



REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Lourdes; MELO, Hildete Pereira. **Tempos e memórias: movimento feminista no Brasil**. Brasília: Secretaria de políticas para as mulheres, 2010.
- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BOURDIEU, P. **La Distinction**. Paris: Minuit, 1979.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- ENDENDIJK, J. J. *et al.* Gender stereotypes in the family context: mothers, fathers, and siblings. **Sex Roles**, v. 68, 2013.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- GUNDERSON, E. *et al.* The role of parentes and teachers in the development of gender related attitudes. **Sex Roles**, v. 66, 2012.
- HIRATA, Helena.; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão do trabalho. **Cadernos de pesquisa**, v. 7, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.
- MATSUDA, Fernanda Emy; MORAIS, M. K. **Guia Promotoras Legais Populares**. 2016.
- McCALL, L. Does gender fit?: Bourdieu, feminism, and conceptions of social order. **Theory and Society**, v. 21, 1992.
- MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. **Feminismo e política: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- NOSEK, B. A. *et al.* **National differences in gender-science stereotypes predict national sex differences in science and math achievement**. PNAS, 2009.
- OLINTO, G. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. **Informare**, v. 1, n. 2, p. 24-36, jul./dez. 1995.
- PINTO, C. R. J. P. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.
- PINTO, C. R. J. P. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2003.
- SCHIRMANN, J. K.; MIRANDA, N. G.; GOMES, V. F.; ZARTH, E. L. F. Fases de desenvolvimento humano segundo Jean Piaget. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 6., [s. l.], 2019. **Anais** [...]. Campina Grande: Realize, 2019.